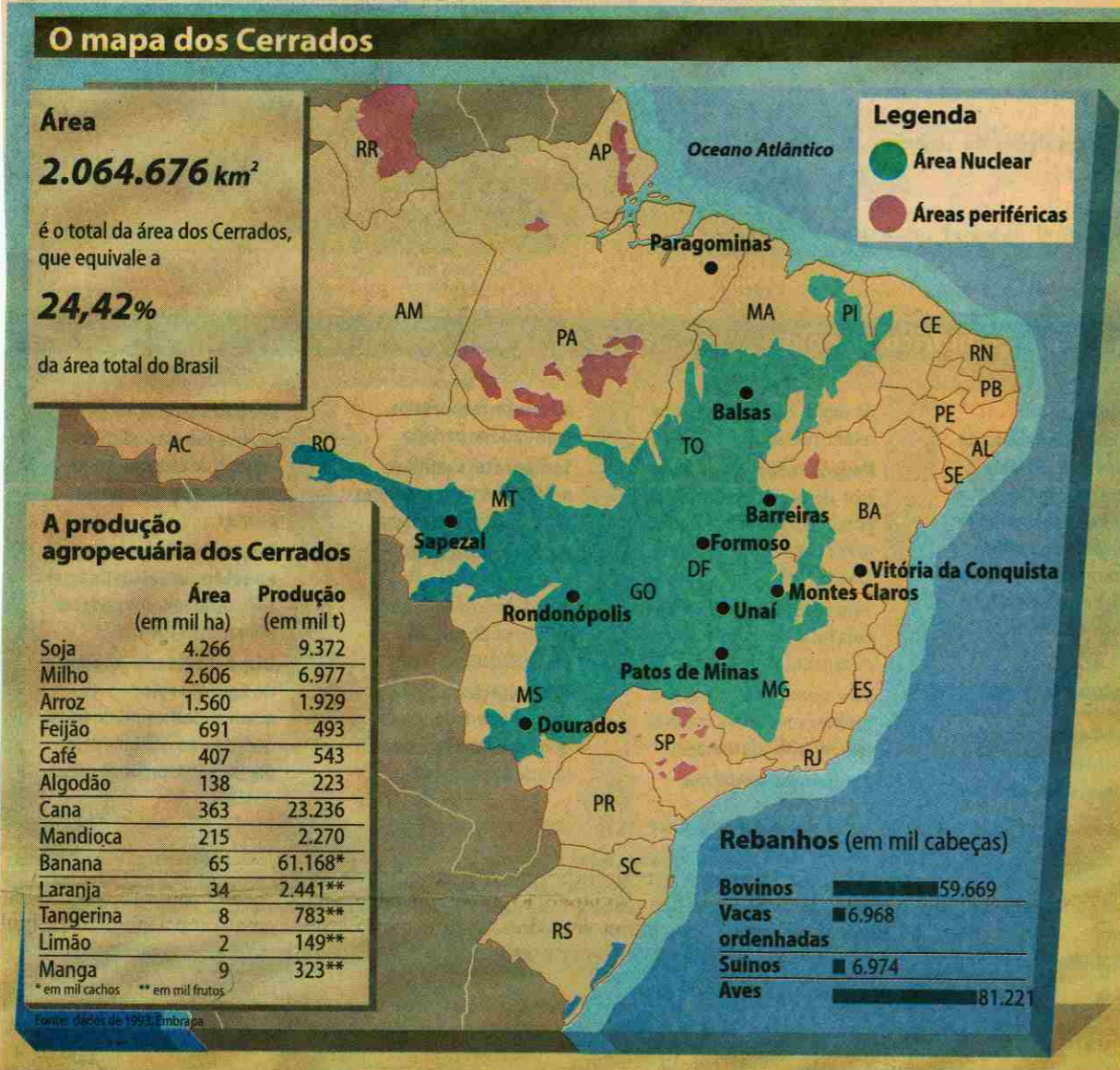


FSP
3/6/97 5-1
34

FRONTEIRAS **Embrapa alerta para os riscos da expansão agrícola, que degrada os solos e destrói fauna e flora da região**

Desastre ambiental ameaça cerrados

Editoria de Arte/Folha Imagem



JOSÉ ROBERTO DE TOLEDO
da Reportagem Local

Na contramão do oba-oba provocado pelas sucessivas quebras de recordes de produtividade e exemplos de produtores bem-sucedidos que pulam nessas paragens, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) alerta: os cerrados têm limites e podem se esgotar.

Novo eldorado da agricultura nacional, a região pode ser um sucesso econômico como o próspero Meio-Oeste americano, mas também corre o risco de virar o cenário de um desastre ambiental.

A Embrapa tem feito pesquisas para delimitar as fronteiras da expansão agrícola nessa extensa área, que vai, no sentido norte-sul, do Maranhão a São Paulo, e no leste-oeste, de Minas Gerais a Rondônia (veja mapa ao lado).

Um número lançado pelo Ministério da Agricultura, porém, serve de parâmetro para esses estudos: dos 80 milhões de ha agricultáveis que restam nos cerrados, só 20 milhões de ha poderiam ser usados

para o plantio tradicional.

“É a última fronteira agrícola do mundo, mas também serve como cinturão de proteção da Amazônia. É um sumidouro de CO₂ (a região absorve dióxido de carbono da atmosfera)”, diz Eduardo Assad, chefe do Centro de Pesquisa Agropecuária do Cerrado da Embrapa.

Segundo a empresa estatal, são muitos os riscos de uma ocupação desordenada da região: da erosão e/ou degradação do solo à extinção de espécies nativas de plantas e de animais.

Uma das características dos cerrados é a pouca fertilidade natural da terra. O uso intensivo para o plantio de uma mesma cultura por anos seguidos pode levar ao esgotamento e à compactação do solo.

Manchas na região de Barreiras (BA), onde há intensivo cultivo de soja, já apresentam sintomas de fragilidade do solo, segundo Assad.

“Já cometemos muitos erros nas áreas pioneiras, de fronteira. Temos que tomar cuidado para saber manter o solo produzindo”, alerta.

Outro pesquisador da Embrapa, o ecólogo José Felipe Ribeiro, chama a atenção para o risco que representa o desmatamento das matas ribeirinhas da região e do desvio dos rios para a irrigação de plantações.

“Desmatar, nesse caso, é como expor um cano de água ao sol: ele racha e acaba secando. É preciso proteger o ‘encanamento’ para garantir o abastecimento de água na região, tanto para irrigação quanto para o consumo doméstico”, compara.

Práticas predatórias desse tipo estão colocando em risco de extinção espécies de árvores frondosas como o buriti.

Ao contrário do senso comum, os cerrados são muito ricos em diversidade biológica: contêm cerca de 6.000 espécies de plantas e ainda mais espécies de animais.

“Depois da Amazônia, é o maior bioma do Brasil (conjunto de formações de vegetação). As paisagens no Mato Grosso ou no Maranhão podem ser parecidas, mas as espécies são diferentes”, explica Ribeiro.

J. Ramid/Folha Imagem

Chapadão ajuda a mecanização

da Reportagem Local

Grande parte das principais áreas agrícolas dos cerrados está localizada em chapadões. São os casos, por exemplo, da região de Sapezal (Mato Grosso), Barreiras (Bahia), e Balsas (Maranhão).

Não é por acaso. Em geral, as chapadas são áreas elevadas e extremamente planas. A possibilidade de um trator arrastar uma grade por quilômetros sem ter que desviar de nenhum obstáculo natural aumenta a sua produtividade.

São regiões que impressionam pela vastidão. O olhar lançado no horizonte não encontrará nenhuma elevação num raio de 360°.

De avião a cena é mais impressionante: viaja-se centenas de quilômetros por sobre uma área que lembra um campo de futebol.

“A topografia dos chapadões se caracteriza por ser contínua e plana, o que facilita a mecanização de culturas como a soja e o milho”, explica Thomaz Adolpho Rein, pesquisador da Embrapa.

Além disso, acrescenta, os solos são muito profundos. Isso também é uma vantagem para a agricultura mecanizada: tendê a zero a chance de uma lâmina do arado encontrar uma pedra em seu caminho e acabar entortada.

Especialista em solos, Rein afirma que a contrapartida do solo profundo dos chapadões é o fato de ele ser muito pobre, débil em substâncias necessárias ao crescimento das plantações.

Daf o fato de o cerrado ser a última fronteira agrícola. Sua ocupação, tardia, só ocorreu depois que foi desenvolvida a tecnologia para corrigir as deficiências de seu solo.

Também por ser dependente de grandes aplicações de calcário e de adubo, o solo dos cerrados é frágil. O uso prolongado com uma mesma cultura pode levar, em poucos anos, a seu esgotamento.

(JRT)



Árvore frondosa, típica dos cerrados, o buriti corre risco de extinção



Tratores iniciam preparo do solo para plantio de soja na região de Balsas (MA), pólo agrícola dos cerrados

Zoneamento pretende orientar o plantio

da Reportagem Local

A aparência por vezes árida dos cerrados é enganosa. Endêmica na região, grande parte da vegetação arbustiva distribuída pelos grandes espaços abertos é devastada pela agricultura extensiva.

Isso provoca desequilíbrios ecológicos: os agricultores só preservam as matas mais fechadas e acabam com as demais espécies.

Uma das consequências é a extinção de certos tipos de insetos predadores de pragas. Além de provocar uma superpopulação desses organismos, acaba havendo uma seleção não-natural das espécies de pragas mais resistentes.

A importância da região é tão grande que motivou financiamentos

estrangeiros para custear pesquisas, por exemplo, sobre o impacto do uso de herbicidas e fertilizantes no ecossistema do cerrado.

Os estudos da Embrapa ocorrem em outras frentes. Segundo Eduardo Assad, está sendo feito um zoneamento pedoclimático (de solos e climas). Ele servirá de base para orientar o plantio da cultura certa, no lugar certo, na época certa.

Ao mesmo tempo, acrescenta, há pesquisas para tentar recuperar áreas já degradadas. “A palavra de ordem é diversificar”, afirma.

Em vez da monocultura em campos a perder de vista, Assad recomenda, por exemplo, agregar valor à soja plantada usando-a como alimento para a produção de proteína animal (frangos e suínos).

O chefe de pesquisas estima que com o investimento no aumento da produtividade das áreas já plantadas (cerca de 11 milhões de ha) é possível dobrar a produção para 100 a 120 milhões de t de grãos.

A produtividade média de soja no cerrado hoje é de 2,2 t/ha. Assad acha possível chegar a 3,8 t/ha.

Além desses incrementos, ele sugere investimentos em novas culturas, privilegiando as espécies nativas. Entre elas destacam-se árvores frutíferas como o piqui, cagaita, araticum e baru.

Todos esses frutos são consumidos nos Estados onde há cerrado, mas são desconhecidos nos grandes mercados do centro-sul. Uma das pesquisas é a da viabilidade socioeconômica desses produtos.